

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Jóia Escrava Baiana: Questões de gênero e raça na história do design no Brasil

Ana Beatriz Simon Factum*

Resumo: O objetivo deste artigo é revelar como os objetos de adorno foram utilizados para estabelecer diferenças de gênero e raça na história do design, no sentido de provocar uma reflexão sobre as atuais práticas de projeto que, conscientemente e inconscientemente, perpetuam os objetos como símbolo de desigualdade entre os sexos e os povos (raça/etnias). Como objetivo específico pretende-se produzir material bibliográfico de referência para o desenvolvimento da pesquisa em design no Brasil, através de uma revisão da historiografia de caráter androcêntrico e etnocêntrico, que costuma não considerar as significativas contribuições femininas, principalmente quando se trata de mulheres que pertencem a uma etnia historicamente discriminada, como é o caso da africana.

Palavra-chave: Jóia Escrava – História do Design – Gênero/Raça

Abstract: Our goal in this article is to show the way the adornment objects were used to establish differences in gender and race in the history of design, in the sense of stimulating a reflection on the current practices that perpetuate, either in a conscious or in an unconscious way, the use of objects as symbols of gender or ethnic domination. Having this specific objective in mind, it is our intention to produce reference bibliographic data for the development of design research in Brazil, reviewing the androcentric and ethnocentric historiography that does not usually take the meaningful feminine contribution into consideration, especially when it comes to those women who have been historically prejudiced, like the African-Brazilian ones.

Key-words: Slave Jewel – Design History – Gender/Race

Pretende-se relatar e analisar as questões de gênero e raça que envolve a jóia escrava, tentando responder as seguintes indagações: Por que existia na sociedade baiana dos séculos XVIII e XIX uma jóia específica para as mulheres negras? Como os objetos são utilizados para representar distinções de gênero e raça? O que se pretende é entender estes artefatos na sua interação social.

Compreender a jóia escrava como um objeto que envolve aspectos de gênero e raça não está só relacionado à sua destinação a mulher negra, se deve principalmente ao fato da dominação racista e de gênero possuírem muito mais do que algo em comum,

A essência da dominação racista tem um terreno amplo em comum com a de gênero, cuja origem reside no mesmo fenômeno histórico. Por isso, julgo

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, Professora da UNEB - Universidade do Estado da Bahia, CAPES-PQI UNEB/FAU-USP.

inseparáveis esses dois campos de polarização social, ambos os focos de grande controvérsia, discussão e mudança no acontecer humano destes tempos. (NASCIMENTO, 2003: 30)

O conceito de raça adotado nas análises deste artigo é o mesmo apontado por Pinho (2002: 416) na sua resenha sobre o livro do cientista político afro-americano Michel Hanchard,

O termo “raça” refere-se, neste livro, ao uso de diferenças fenotípicas como símbolos de distinção social. Significados raciais são, nesse sentido, culturalmente e não biologicamente construídos, distinguindo-se, a partir da inserção nestas categorias, lugares sociais dominantes e dominados. “Raça” é, assim, síntese de diferenças fenotípicas, mas também de status, de classe, de diferenças, em suma, políticas. De modo que podemos dizer que relações de raça são relações de poder.

Tal como explicado para o conceito “raça” entende-se gênero também como uma construção social, ou seja, as diferenças de gênero são aqui entendidas como uma dominação masculina em relação à mulher, uma construção de mulher na sociedade patriarcal ocidental (NASCIMENTO, 2003, p. 65).

Para se descobrir de que maneira as relações de poder se manifestam no mundo material, ou seja, para compreender o fenômeno joalheria ‘escrava’, um projeto de produto com endereço pré-determinado, se impõe o estudo do contexto social em todos os seus aspectos, principalmente quando se utiliza diferenças biológicas, de sexo e raça, para justificar a naturalização das diferenças sociais.

Através destas jóias e do seu fetichismo, entendendo que o fetichismo funciona ao mesmo tempo como atribuição de valores subjetivos ao objeto e como apropriação de valores subjetivos representados pelo objeto ou nele embutidos (Cardoso, 1998, p. 24 e 25), poder-se-á conferir as relações existentes entre mulheres negras, entre a mulher negra e a mulher branca, entre a mulher negra e o homem branco e entre a mulher negra e o homem negro.

Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza etc. etc. Nenhum atributo de sentido é imanente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais – onde eles são efetivamente gerados – para os artefatos, criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade. Por certo, tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pelas sociedades e grupos nas operações de produção, circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos. (MENESES, 1997, p.2)

Faz-se necessário explicar que as jóias crioulas¹ eram parte de uma indumentária específica utilizada pela mulher negra ou mestiça, não todas elas, mas as que eram escravas de ‘ganho’² ou escravas domésticas como descreve Nina Rodrigues (apud CARNEIRO, 2005:465), vide uma das mulheres com suas jóias na Figura 1³:

As negras ricas da Bahia carregavam o vestuário à baiana de ricos adornos. Vistosos braceletes de ouro cobrem os braços até o meio, ou quase todo; volumoso molho de variados berloques, com a imprescindível e grande figa, pende da cinta. A saia é então de seda fina, a camisa de alvo linho, o pano da Costa de rico tecido e custosos labores; completando o vestuário especiais sandálias que mal comportam a metade dos pés.

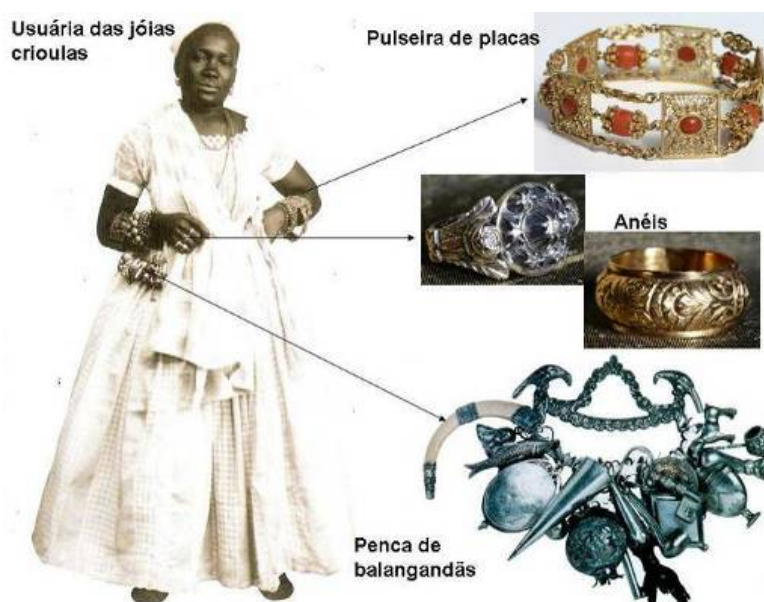


Figura 1 - Usuária das jóias crioulas e suas respectivas jóias.

Entre as mulheres negras havia diferenças de indumentárias, aquelas que trabalhavam na lavoura e habitavam a senzala não possuíam vestes tão ricas quanto aquelas que tinham a função de mucamas⁴ e habitavam a casa grande ou eram escravas de ganho,

¹ Segundo Reis (2003, p.23): “A população da cidade dividia-se, segundo sua origem, em brasileiros, africanos e europeus. [...] Mas havia também diferentes cores entre os nascidos no Brasil: o negro, que se chamava crioulo; o cabra, mestiço de mulato com crioulo; o mulato, também chamado pardo; e o branco”.

² Segundo Nishida (1993, p. 235 e 236), O sistema de ganho se tratava de escravos que saíam para trabalhar, em tempo parcial ou integral, e deviam entregar ao senhor uma parte previamente acertada entre ambos do dinheiro que recebiam por dia ou por semana. Na cidade também se permitia que escravos domésticos saíssem à noite ou nos domingos e feriados para trabalhar neste sistema, como mascates ou prostitutas.

³ Fotomontagem elaborada pela autora.

⁴ No Brasil e na África portuguesa, escrava ou criada negra, ger. jovem, que vivia mais próxima dos senhores, ajudava nos serviços caseiros e acompanhava sua senhora em passeios; ama-de-leite dos filhos de seus senhores. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=mucama&stype=k>>. Acesso em 15/07/2006.

demonstrando como os artefatos são materializações de posições sociais diferenciadas. Observe como Rodrigues (2005:465) descreve as vestes das operárias:

As operárias pretas usam saias de cores vivas, de larga roda. O tronco coberto da camisa é envolvido no pano da Costa, espécie de comprido xale quadrangular, de grosso tecido de algodão, importado da África. O pano da Costa passa a tiracolo sobre uma espádua, por baixo do braço oposto, cruzadas na frente às extremidades livres.

Na cabeça trazem o torso, triângulo de pano cuja base cinge a circunferência da cabeça, indo prender as três extremidades na parte posterior ou nuca.

Este vestuário, sobretudo usado pelas negras da Bahia, valeu-lhes no resto do país o qualificativo de baiana, dando a expressão popular: uma mulher vestida à baiana ou uma baiana.

Este *fashion design* específico para a mulher negra, possuía significados diversos. Na sua origem tinha um duplo significado, para a usuária uma resignificação de si mesma, diante do lugar social reservado a sua condição de escrava, e para a classe dominante, uma afirmação explícita do lugar do ‘Outro’ que relega a mulher negra a um lugar social subordinado. Mas ao longo dos anos essas mulheres associadas aos seus trajes típicos tornam-se ícones da indústria turística baiana, em um processo de folclorização da mulher negra, ocupando um lugar de destaque, mas ainda em situações subalternas (SARDENBERG E BARROS, 2005, *passim*)⁵ como esclarece Pinho (2002:416) “*em políticas culturalistas, práticas culturais operam como um fim em si mesmo, símbolos e artefatos afro-brasileiros e afro-diaspóricos tornam-se reificados (são tornados coisas) e commodified (são tornados mercadorias)*”.

E em ambas as situações acima descritas se constata (Foucault) que:

Existe todo um esquadramento do tecido social, onde a cada sujeito corresponde um lugar e, a cada lugar, um sujeito. Por conta disso o diferente fica fora de determinados espaços, fica excluído deles, mas, paradoxalmente, lhes são definidos outros lugares, e lá ele fica confinado. (...) Nem sempre o outro, percebido como perturbador, é o que está fora, distante, estranho: muitas vezes o que incomoda é o, ‘é o estranho em nós’, aquilo que percebemos como diferente em nós mesmos e com o qual não queremos nos defrontar. (Ezirik, 2005:54)

Entre as mulheres negras havia posições sociais diferentes, que tanto se expressava na diferenças de suas vestimentas, principalmente na ausência das jóias escravas e na qualidade inferior dos materiais com que eram confeccionados os trajes (vide Figura 6), quanto no comportamento adotado por algumas mulheres negras que galgavam ascensão social, demonstrando que o padrão hegemônico termina por dominar também aquele que está

⁵ Texto disponível em um dos painéis da Exposição intitulada “Mulher Negra na Bahia – Imagens de Gênero e Raça” – Museu Temporal – Salvador/Bahia. Período novembro de 2005 a agosto de 2006. Vide nota 6.

excluído do processo e consegue estrategicamente sua inclusão, passando a adotar o comportamento do dominador.

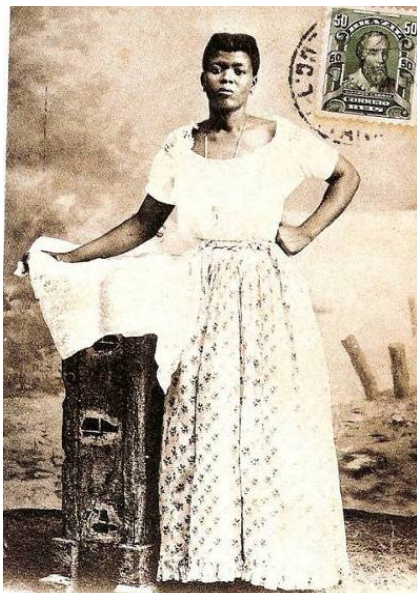


Figura 6⁶ Cartão Postal – Coleção Particular Lavadeira - 1905 – 1910 - Lindermann

Observe abaixo na Figura 7, que a retratada está vestida à moda das senhoras, mas ainda preserva os colares usados exclusivamente pelas mulheres negras. Livra-se de quase tudo que faça referência a sua condição anterior, exceto os colares de contas de ouro, talvez pelo forte vínculo identitário das contas com as suas origens africanas.

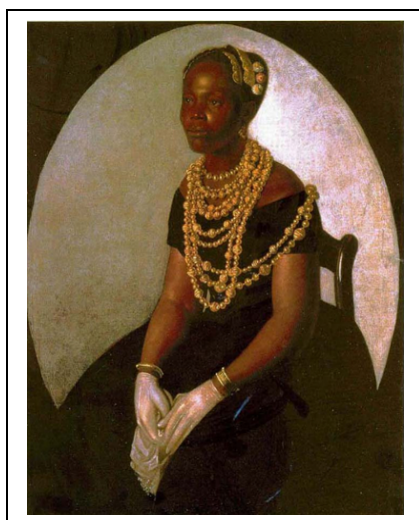


Figura 7⁷ - Baiana - sem referência de data – anônimo.

⁶ Imagem digitalizada do livro intitulado *Mostra do redescobrimto: negro de corpo e alma – Black in body and soul*. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

⁷ Imagem capturada da Dissertação de Mestrado intitulada “**Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” e a** imagem da mulher na arte do século XIX.” Da autoria de Renata Bittencourt Campinas: [s.n.], 2005, p. 17.

Deve-se que apontar que este não era o comportamento corrente das mulheres negras, havia uma grande solidariedade entre elas, principalmente pela via religiosa, no Candomblé e nas irmandades católicas de negras.

As irmandades de pretos e pardos eram associações que além das atividades religiosas que se manifestavam na organização de procissões, festas, coroação de reis e rainhas, também exerciam atribuições de caráter social como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maltratos de seus senhores, ajuda para a compra da carta de alforria e garantia de um enterro para os escravos. A presença feminina é marcante e seu ingresso nas irmandades representava reconhecimento social, possibilidade de contatos, e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais que caracteriza a sociedade brasileira (QUINTÃO, 2000, passim). Participavam da rede de solidariedade estabelecida nestas irmandades doando suas jóias para caixa de alforrias (fundos comuns para a libertação de escravos). Esta é uma das principais razões de se classificar estas jóias como um design de resistência, por estes adornos de corpo significarem a sobrevivência ao sistema escravocrata. Assim, a joalheria escrava simboliza a resistência destas mulheres a condição de mercadoria.

Se entre as mulheres negras existia a solidariedade o que dizer da relação entre as mulheres negras e as mulheres brancas, ambas mulheres, ambas participes de um sistema patriarcal onde a figura dominante era o homem branco. Segundo bell hooks⁸ (1994:94) essa interação se dava através do modelo servidora e servida,

O ponto de contato entre uma mulher negra e uma mulher branca se dava através do modelo servidora-servida, uma hierarquia, uma relação baseada em poder sem mediação do desejo sexual. Mulheres negras são servidoras, e mulheres brancas as servidas.

Na Figura 8 se tem a clara situação da mulher negra como servidora, responsável pelos cuidados com os filhos das mulheres brancas e tendo outros afazeres, carregavam a criança branca à moda da África, com o auxílio do pano da costa prendiam a criança ao seu corpo facilitando sua mobilidade para realizar outras tarefas e ao mesmo tempo garantiam a segurança dos filhos das servidas. Muitas vezes lhes era negado cuidar dos seus próprios filhos.

⁸ A autora deseja que seu nome seja grafado em letras minúsculas.



Figura 8⁹ – Cartão Postal – Coleção Particular – Ama-de leite - Date: 1905 – 1910 - Lindermann

Este zelo com os filhos das mulheres brancas lhes rendia presentes dos pais e dos próprios filhos já adultos, que iam de pequenos mimos, passando pelas jóias escravas, até a concessão da sua alforria.

A relação entre mulheres brancas e negras alcança o ponto máximo de tensão nas suas interações com os homens brancos, devido à tradição judaico-cristã do corpo-expropriado da mulher e neste caso se trata, principalmente, do corpo da mulher branca que deveria submetê-lo (seu corpo) aos ditames do casamento e a geração de filhos, versus o mito da mulher negra super sexuada que deveria subjugar-se aos desejos sexuais dos senhores,

Num contexto de valores morais e religiosos rígidos, vai recair sobre a negra a responsabilidade do desejo do senhor, que justifica seus atos como inevitáveis diante da intensa sensualidade da escrava, que fica à mercê dos senhores e de seus filhos, além de despertar o ciúme e a inveja da senhora, o que gera os mais bárbaros crimes de tortura e todo o tipo de violência contra as escravas no Brasil. (LOPES, 2004),

As jóias escravas são provas materiais da situação acima descrita, pois tudo era de propriedade do homem branco: a mulher negra e seus objetos de distinção ou submissão, como também a mulher branca e seus filhos. Nas Figuras 9 e 10, as diferenças e semelhanças das indumentárias das mulheres negras e brancas do século XIX. As diferenças nas indumentárias são necessárias para identificar os espaços sociais diferenciados entre a mulher branca e a mulher negra e as semelhanças são fundamentais para a reafirmação da condição

⁹ Imagem digitalizada do livro intitulado *Mostra do redescobrimento: negro de corpo e alma – Black in body and soul*. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

de mulher submetida à dominação masculina (homens brancos) e o vestuário e as jóias são indispensáveis à construção social da condição de mulher,

Sinais exteriores da posição social dos indivíduos como vestuário e jóias tinham importante papel na hierarquizada sociedade brasileira do século XIX. Neste contexto a indumentária deve ser vista como importante elemento simbólico ao evidenciar as diferenças existentes entre os grupos sociais, tornando visível a hierarquia social. Além de definidora de identidades, a moda permitia a visualização sistemática de significados relacionados a valores e padrões de comportamento. A observação e análise de roupas e ornamentos facilitam a compreensão acerca das relações de poder existentes entre pobres e ricos, negros e brancos, escravos e libertos, bem como entre homens e mulheres. (BITTENCOURT, 2005:25)



Figura 9¹⁰: Condessa de Iguaçu – 1852
Óleo sobre tela Krumholz

Figura 10¹¹: Moça cafuza – 1869
Fotografia – Henshel

Continuando a discussão da relação entre design e poder, o que as jóias crioulas revelam do relacionamento entre a mulher negra e o homem branco?

Como situa Foucault (1996) a sexualidade, além de biopsicológica, também é uma forma de manifestação social e histórica, não se podendo abandonar seu contexto sócio-cultural. Para a Igreja Católica, a sexualidade é, ainda em nossos dias, concebida segundo o paradigma filosófico de São Tomás de Aquino. A Representação Social Hegemônica da identidade feminina disfarça os desejos, as ambigüidades, as ambivalências, tornando o corpo um corpo dominado, que deve incorporar os modelos do consenso social, pautado num destino social reservado há muito tempo, sem deixar espaços para outros caminhos. (LOPES, 2004)

¹⁰ Imagem capturada da Dissertação de Mestrado intitulada “**Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” e a** imagem da mulher na arte do século XIX.” Da autoria de Renata Bittencourt Campinas: [s.n.], 2005:15.

¹¹ Imagem capturada da Dissertação de Mestrado intitulada “**Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” e a** imagem da mulher na arte do século XIX.” Da autoria de Renata Bittencourt Campinas: [s.n.], 2005:126.

O homem branco heterossexual, no ambiente da escravidão e da subordinação física e brutal de outros seres humanos, exercia o desejo e o controle sobre o corpo do Outro e sua simbolização, indicando um componente voluptuoso da escravidão, além do econômico e cultural, ou seja, ter um escravo ou escrava, como um objeto perfeito, pleno e legalmente caracterizado, um objeto, é bem verdade, muito especial, na medida em que é um ser humano, pareceria o paroxismo da objetivação carnal. (PINHO, 2004:102, passim)

Foi esse assédio sexual do homem branco sobre a mulher negra que possibilitou e continua até os nossos dias, a dissimulação dos conflitos raciais no Brasil, que através de medidas ideológicas e da violência material, criaram-se imagens de raça e gênero, estereótipos que povoam o imaginário social, fixando as afrodescendentes em lugares subalternos e/ou folclóricos. (PINHO, 2004:112, passim)

Nos séculos XVIII e XIX a rica indumentária e as jóias escravas expressavam uma mistura de desejos, pelo ouro e pelo corpo da mulher negra, sendo o lascivo imputado ao gestual das mulheres negra e não a sua nudez, apropriado ao padrão comportamental deste período, mas hoje, após a criação do discurso da democracia racial brasileira, o mito da mulher negra super sexuada se transfere para a mulher mulata (mestiça) de preferência desnuda,

Não é de hoje que chama atenção a recorrência com que na literatura, nas artes, na música popular e alhures, se reinventa um ideal de mulher, que sendo mulata (mestiça), preserva características da sensualidade bestial da negra em modos “afinados” pelo sangue branco. Mariza Corrêa revela como a mulata é pensada como “puro corpo”, recém saída do estado natural, maliciosa e pura, embaralhando as categorias raciais e sexuais, apresentando-se como um híbrido, que pelo intermédio do sexo cruza as raças e funda uma cultura. A operação de invenção do Brasil, mito fundacional brasileiro, está carregada de significado sexual porque é pensada como a miscigenação racial por via sexual. Ora, a mulata é o símbolo gracioso desta miscigenação que, segundo ocorre, ainda ajuda a revelar o que pretende esconder: a rejeição da “negra preta”. (PINHO, 2004:113)

Dentre todas as relações existentes na sociedade escravocrata brasileira a de menor visibilidade é o relacionamento da mulher negra com o homem negro, condição imposta pela escravidão,

Sabe-se que uma das decorrências da escravidão foi a fragmentação da família africana. Ao incorporar a mulher negra ao ciclo reprodutivo da família branca, inviabilizava-se para os escravos a constituição do seu próprio espaço reprodutivo. Assim, as relações eram precárias e efêmeras, ocorrendo muitas vezes à revelia dos próprios parceiros. Acabavam predominando os interesses dos senhores, mais preocupados em assegurar a reprodução de sua mão-de-obra. A legislação escravista enfatizava sempre a unidade “mãe-filhos”, preocupando-se mais com a separação dos filhos em relação à mãe do que ao pai ou do que com a separação entre os próprios cônjuges. Nesse contexto, a mãe acaba assumindo sozinha a responsabilidade da prole, já que os parceiros estão sempre de passagem (Giacomini, 1988 e Woortmann, 1987). (VELLOSO, 1990:5)

A família escrava muitas vezes proporcionou uma tendência destituída de conflito nas relações escravistas. Porém diante da impossibilidade de cultivar suas relações familiares, de preservar seus relacionamentos afetivos, o descontentamento escravo manifestou-se em circunstâncias as mais variadas, a exemplo das fugas em família ou em busca de parentes, crimes cometidos contra os que abusavam de familiares de escravos, do suicídio de mulheres escravas precedido do infanticídio contra seus filhos, além de um comportamento cotidiano rebelde em função da pressão senhorial sobre parentela escrava (REIS, 2001, p. 30).

Diante do quadro atitudinal acima descrito, nele também se inclui a estratégia de acumular valores para a compra da libertação familiar, era da tradição africana considerar a jóia como uma das mais importantes maneiras em que a riqueza poderia ser acumulada e passada para as futuras gerações (CLARKE, 1998, p. 16). Em sendo escrava, a melhor estratégia era acumular em jóia, os valores, que um dia, seriam suficientes para a compra da sua alforria ou do seu marido, de seus filhos, de sua mãe e de seu pai, ou seja, a compra da liberdade da família escrava.

É através do conhecimento histórico que se galga a uma mudança de atitude na teoria e prática do design, possibilitando uma práxis capaz de promover a igualdade entre os sexos e entre os povos, por compreender que o fato de sermos diferentes, não nos faz desiguais.

Referências Bibliográficas:

BITENCOURT, Anna Ribeiro de Góes, 1843-1930. **Longos serões do campo**. Organização e notas Maria Clara Mariani Bittencourt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 2v.

BITTENCOURT, Renata. **Modos de negra, modos de branca: o retrato “baiana” a imagem da mulher na arte do século XIX**. Campinas: [s.n.], 2005. **Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

CARDOSO, Rafael. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos**. Revista Arcos. Vol. 1, nº único. Rio de Janeiro: ESDI, 1998:15-39.

CARNEIRO, Edison. **Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CLARKE, Duncan. **African Hats and Jewellery**. New Jersey: Chartwell Books, 1998.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress: education as practice of freedom.** New York: Routledge, 1994.

LOPES, Helena Theodoro. **Mulher negra, mitos e sexualidade.** Disponível em <<http://www.desafio.ufba.br/gt6-005.html>>. Acesso em 16 de setembro de 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público.** Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/238.pdf>>. Acesso em: 15/07/2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Summus, (2003, p. 30).

PINHO, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação.** In Cadernos Pagu (23). julho-dezembro de 2004, pp. 89-119.

PINHO, Osmundo de Araújo. **Corações e Mentes do Movimento Negro Brasileiro.** Revista Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, n° 2, 2002, pp. 415-420.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **O significado das irmandades de pretos e pardos: O papel das mulheres.** Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt4-015.html>>. Acesso em 15 de julho de 2006.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX.** Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2001.

TRINDADE, Simone. **Catálogo da Exposição “A Sedução das Jóias”.** (Salvador: FMCCP, 2005).

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As Tias Baianas Tomam Conta do Pedaco: Espaço e Identidade Cultural no Rio de Janeiro.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p.207-228.